



Imprensa e espiritismo em perspectiva histórica: os enfoques das coberturas jornalísticas de *O Dia* e do *JB* sobre o médium Zé Arigó¹

Paulo Roberto Figueira Leal (Universidade Federal de Juiz de Fora)²

Resumo

No final do século XIX e no início do século XX, a relação entre os meios de comunicação de massa (sobretudo a partir dos intelectuais que neles atuavam) e o movimento espírita foi marcada por oscilações – a mídia foi uma das principais responsáveis pela popularização da doutrina espírita, mas também foi nela que se consolidaram posicionamentos críticos ao espiritismo. O objetivo do artigo é apontar de que modo, já na segunda metade do século XX, configuraram-se os enquadramentos jornalísticos dados ao médium Zé Arigó por dois periódicos cariocas (*O Dia* e *Jornal do Brasil*) – concebendo que as notícias são sempre resultantes, por meios dos filtros editoriais utilizados, de um processo de construção social da realidade.

Palavras-chave

História da imprensa; enquadramentos jornalísticos; espiritismo

1 – Introdução

Que relação existe entre um jornal e um centro espírita? Antes que a pergunta ganhe ares de surrealismo, ressalte-se que a conexão está na etimologia. Afinal, tanto o jornal quanto o centro espírita podem ter seus objetivos reduzidos a um mesmo campo semântico: o do verbo mediar.

Se a imprensa é a intermediária entre os acontecimentos e o grande público, o espiritismo pretende intermediar dois mundos: o dos vivos e o daqueles que já se foram. Mídia (derivado do inglês *media*) e médium (do latim *medium*), queiram ou não, têm uma história em comum no Brasil, convivem e se relacionam no tempo e no espaço – e são peças importantes para se entender a complexidade do nosso país. Se é verdade que

¹ Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutor e mestre em Ciência Política pelo IUPERJ, jornalista pela UFRJ. Professor Adjunto da Facom-UFJF. Autor dos livros *Identidades políticas e personagens televisivos* (Editora Corifeu, 2007), *O PT e o dilema da representação política* (Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005) e *Os debates petistas no final dos anos 90* (Editora Sotese, 2004).



a mídia cumpre um papel fundamental para a compreensão da trajetória brasileira ao longo dos séculos, não se pode negar que o médium é uma figura plenamente enraizada no inconsciente coletivo da nação.

A vitalidade do espiritismo é patente: o Brasil é, sem sombra de dúvida, o país com maior número de espíritas do mundo. Esta afirmação se assenta nas estatísticas: de acordo com o Censo de 2000, eles seriam 2,3 milhões de brasileiros, constituindo-se no terceiro maior grupo religioso – e tratando-se do segmento religioso com maior média de escolaridade e de renda. A Federação Espírita Brasileira (FEB) estima que há aproximadamente dez mil instituições espíritas espalhadas por todas as regiões e por todos os estados do país.

Com grande frequência (e naturalidade) temas espíritas são incorporados às mais diversas dimensões da vida cotidiana. Um exemplo são os convênios firmados até pelo poder público com instituições espiritualistas, como a Fundação Cacique Cobra Coral, cuja médium principal, Adelaide Scritori, supostamente prevê e é capaz de controlar o clima. A Prefeitura de São Paulo publicou em seu Diário Oficial, em 18 de agosto de 2005, convênio com a referida fundação para que aquela fornecesse “informações prévias em casos de calamidade, tais como inundações, secas, geadas, vendaval, tornado, granizo ou qualquer outra adversidade climática”. No Rio de Janeiro, a parceria com a instituição é antiga:

Estado recorre à força da mediunidade – O Governo do Estado decidiu ontem reativar antigo convênio que mantinha com a Fundação Cacique Cobra Coral, entidade espiritualista de São Paulo que se diz capaz de alterar o clima, fazendo parar de chover, através da força de mediunidade. O Secretário Estadual de Defesa Civil, Coronel José Albucacys Manso de Castro, telefonou à tarde para o secretário executivo da entidade, Osmar Santos, pedindo que a médium Adelaide Scritori, que recebe o espírito do Cacique Cobra Coral, entre em ação para reverter a previsão de mais chuvas. A médium não cobrou nada pelo serviço, mas exigiu o relatório das obras contra enchentes. Até 1989, a Fundação tinha de encaminhar à Defesa Civil um alerta sempre que a médium previa temporais. (O Globo, 20 de fevereiro de 1991, p.12)

Em quantos outros países prefeituras ou governos de dois dos mais importantes Estados recorreriam aos serviços de um médium para evitar enchentes? Mas a relação entre poder político e médiuns famosos não é nova. Numerosos presidentes da República demonstraram não apenas simpatia, mas eventualmente até reverência a lideranças espíritas. Casos emblemáticos são os da relação entre Zé Arigó e o presidente Juscelino ou o episódio que segue:

A salvo da imprensa - Em sua passagem por Uberaba (MG) na última sexta, o Presidente Collor procurou o médium Chico Xavier. Os jornais mais importantes do país apenas registraram o encontro, sem fornecer detalhes. No domingo, o Jornal da Manhã de Uberaba publicou em sua manchete: “Collor invade quarto de Chico Xavier e fala de joelhos com o líder espírita.” Segundo a reportagem, o encontro de Collor e Chico Xavier estava marcado para 16h, mas o Presidente chegou meia hora antes. Dizendo-se “de casa”, Collor não quis esperar na sala e foi ao quarto de Chico Xavier – doente e acamado, médium se preparava para recebê-lo, faziam a sua barba. Assim que entrou no quarto, segundo o jornal de Uberaba, Collor instou Xavier a ficar à vontade, na cama, e se ajoelhou a seu lado. A reportagem termina afirmando que Collor, ainda ajoelhado, teria exclamado: “Já pensou se a imprensa nos flagra assim? (Folha de São Paulo, 5 de maio de 1991, p. 6)

Boa pergunta, a do ex-presidente cassado e agora senador por Alagoas. E se a imprensa os flagrasse assim? É a esta interrogação que este trabalho pretende se remeter. Como tem sido a relação da mídia com o seu parente etimológico, o médium? Enfim, como a imprensa reage diante do fato consumado de que, neste país, presidentes se ajoelham diante de médiuns, estados firmam convênios com instituições espiritualistas e milhões de pessoas crêem poder falar com os mortos? É impossível dar uma resposta definitiva a esta questão. Primeiro, porque mídia é um termo genérico e cada empresa de comunicação adota uma postura diversa diante do assunto. Segundo, porque seria muita pretensão querer resumir, em algumas poucas laudas, mais de 150 anos de história.

Entretanto é possível delinear traços e tendências que predominaram e predominam no relacionamento entre a intelectualidade brasileira (cujo espaço de manifestação pública foi e vem sendo, fundamentalmente, a imprensa) e o movimento espírita - e este é o objetivo do artigo. Para exemplificar estes traços, foi preciso escolher um caso específico de estudo: o presente trabalho analisa as coberturas jornalísticas dadas por dois grandes jornais, um popular (*O Dia*), e o outro historicamente voltado para públicos de elite (*Jornal do Brasil*), a Zé Arigó – um dos mais famosos médiuns que o país já conheceu.

Arigó, um mineiro de Congonhas do Campo, realizou, por mais de 20 anos, cirurgias mediúnicas utilizando facas enferrujadas. O médium dizia incorporar o espírito de um médico alemão, Dr. Fritz, e cuidou de milhares de pacientes, chegando a chamar a atenção da comunidade científica internacional. Portanto, ao fazer um estudo do



discurso dos jornais sobre Arigó, busca-se material que ofereça exemplos concretos da relação imprensa/ espiritismo.

2 - A chegada do espiritismo ao Brasil

O kardecismo aportou no Brasil, na segunda metade do século XIX, a partir de seu então principal pólo cultural – o Rio de Janeiro. Já em 1860, Casimir Lieutaud – Diretor do Colégio Francês, um dos mais conceituados da Corte – publicou o primeiro livro espírita editado no Brasil: *Lês Temps Sont Arrivés*. “Nosso espiritismo, pois, como tantos outros fatos da História Brasileira, nascia falando francês.” (MACHADO, 1983, p. 61)

A guerra do Paraguai também foi um estímulo à propagação do espiritismo. Naqueles dias de angústia ante a proximidade de perda de familiares que estavam em luta, e com problemas sociais intensificados, estabeleceram-se condições propícias para uma evasão destas dificuldades através da descoberta de novos horizontes – que o espiritismo podia dar.

Só que, à medida que alargava suas fronteiras, o movimento ia se descaracterizando, fugindo da matriz francesa e formando um espiritismo paralelo, de caráter mais popular. Com o intuito de impedir esta descaracterização, foi criada, em 1883, no Rio, a Federação Espírita Brasileira (FEB), para ser uma instituição reguladora que mantivesse a pureza da doutrina kardecista. Ali, pouco mais de 20 anos depois de chegar ao Brasil, o espiritismo ganhava uma entidade de caráter nacional, mostrando que, apesar dos problemas, tinha se consolidado no país.

Mesmo com a criação da FEB, em 1883, o processo de mescla com os cultos afro-brasileiros e a perda do caráter supostamente científico continuaram ao longo de décadas. Se o espiritismo kardecista puro permaneceu, por muito tempo, restrito a grupos de elite – inclusive sempre se associando a outros movimentos de origem européia, como a homeopatia e a maçonaria -, o espiritismo popular foi, cada vez mais, ganhando adeptos nas classes menos favorecidas. O antropólogo François Laplantine tenta explicar esta divisão com base na formação cultural dos diversos segmentos da sociedade brasileira.

O Brasil absorveu duas grandes influências da França: o positivismo e o espiritismo. Do ponto de vista histórico, foram as elites que assimilaram o kardecismo, dialogando com os espíritos e divulgando a doutrina pelos jornais. Então, como hoje ainda, as classes pobres não

sabiam ler... É um pouco complexo, mas a implantação do espiritismo deve-se à burguesia. Daí podermos dizer, ainda, que surgiu um espiritismo culto, elevado, e um espiritismo popular baixo. O espiritismo iria penetrar até os cultos bantos do Rio de Janeiro, dando contornos ao que é a umbanda hoje. (LAPLANTINE, entrevista ao Jornal Espírita, maio de 1988, p. 8).

Para o antropólogo, a mediunidade na umbanda e no candomblé, quando estabelece contatos com orixás e pretos-velhos, passa a ser uma forma de ligar os descendentes dos negros (maioria nestas religiões) à memória coletiva do continente-mãe, a África. Da mesma forma, o kardecismo, como movimento de elite com origem européia, letrada e culta, busca o auxílio de espíritos supostamente mais “evoluídos” (quase sempre europeus) como meio de atravessar o Atlântico e se ligar à memória coletiva da Europa.

E esta amálgama nunca foi bem aceita pelos kardecistas puristas, que sempre mantiveram um sentimento de superioridade em relação à umbanda (considerada, entre outras coisas, fetichista). O espiritismo kardecista, do alto de sua nobre compleição francesa, historicamente viu nos seus primos pobres, os cultos afro-brasileiros, uma injustificável apropriação e deturpação das teorias ‘científicas’ de Kardec. Apesar disso, a umbanda e o candomblé (este, mais presente na Bahia, sofreu menos influência católica e espírita, mantendo-se mais fiel aos cultos africanos originais) conquistaram também seu espaço no espectro religioso nacional.

Para Roberto DaMatta (1986), estas religiões podem ser definidas como “democráticas”. Diz o antropólogo:

Nos centros afro-brasileiros, as pessoas conseguem, pela força da religião, aquilo que as leis impessoais de um Estado voltado para si mesmo lhes negam. Sobretudo se a pessoa é negra, pobre e mulher. Não é, pois, por acaso que umbandistas e adeptos do candomblé nunca tenham podido formalizar suas crenças numa moldura teológica ou numa igreja. Se assim fizessem, estariam liquidando a criatividade de seus cultos, que permitem juntar santos católicos com deuses africanos e filosofia oriental; e, uns e outros, com discos voadores, Jung e até mesmo Karl Marx. Essa possibilidade de relacionamento foi chamada de sincretismo, mas a melhor palavra para isso é carnavalização. Ou seja: neste terreno, tudo é permitido e todas as coisas podem trocar de lugar. Não há donos e todos que tiveram uma experiência religiosa autêntica podem fundar o seu local de culto formulando de acordo com seu entendimento os princípios gerais de sua seita. (DAMATTA, 1986, p. 144).



No entanto, o crescimento dos cultos afro-brasileiros, ao contrário do que se imaginava no final do século XIX e início do século XX, não chegou a abafar a expansão do kardecismo. Ubiratan Machado explica: “A ameaça... era apenas aparente. O caminho dos vários espiritismos, apesar dos atalhos de ligação e das influências recíprocas, sempre foi distinto.” (MACHADO, 1983, p. 230)

Baseado numa literatura de acesso nem sempre fácil a pessoas pouco letradas, e caracterizado por conseguir adeptos junto às camadas mais informadas e abastadas da sociedade, o espiritismo, ao longo de quase um século e meio de vida, foi um caso de paixão (e ódio) para a intelectualidade. Manifestações da devoção mais dedicada e do desprezo mais intenso foram efetivados pelos intelectuais nas páginas dos jornais desde o final do século XIX.

3- Imprensa, intelectualidade e espiritismo

É preciso ressaltar o fato de que, no Brasil, imprensa e intelectualidade se confundiram por décadas. Ao analisar a história da imprensa mundial, Habermas (2003) se refere a um “jornalismo literário” como antecessor da era marcada pelo domínio das empresas de comunicação que objetivam ao lucro – algo que, no Brasil, se consolidará apenas nos anos 1950. (LATTMAN-WELTMAN, 1996, p. 158)

Na experiência brasileira, a expressão “jornalismo literário” é ainda mais precisa para designar o final do século XIX e o início do século XX. Naquele período, os principais homens de imprensa eram também os grandes escritores do país. Desta forma, passaram pelo jornalismo José de Alencar e Machado de Assis, para citar apenas os “papas” da literatura nacional, entre centenas de outros que frequentaram, ao mesmo tempo, as páginas dos jornais e dos livros.

Chegando ao Brasil em 1860, é esta fase que o espiritismo encontra. Seriam alguns destes jornalistas/escritores os seus maiores defensores (responsáveis pela sua difusão e consolidação), assim como também nesse grupo estariam seus maiores desafetos (que lhe impingiram alguns dos fardos que carrega até hoje). Este é o paradoxo: se foram segmentos da intelectualidade os responsáveis pela sobrevivência e expansão do espiritismo, foram também intelectuais os adversários que mais dificuldades lhe trouxeram.

Introduzido por franceses residentes na Corte, o kardecismo contou com certa benevolência inicial dos nativos mais cultos. De acordo com Ubiratan Machado (1983),

o primeiro intelectual de porte a abraçar a causa espírita (apesar de, no princípio, não o fazendo oficialmente) foi o teatrólogo e poeta gaúcho Manuel de Araújo Porto Alegre, o Barão de Santo Ângelo. Na peça *Os Voluntários da Pátria*, escrita em 1866 (mas publicada somente em 1877, em Portugal, com tiragem reduzida), Porto Alegre resolve a trama através de uma personagem com poderes mediúnicos.

Ao longo do século XIX, muitos outros jornalistas/escritores e intelectuais vão ajudando o movimento espírita a sobreviver, no difícil início desta doutrina que se opunha à força da Igreja – entre outras posições “revolucionárias”. Esta posição liberal do movimento espírita nos seus primeiros 50 anos pôde ser particularmente sentida em lutas como a pela Abolição e pela República, nas quais kardecistas estiveram presentes. Ubiratan Machado relembra que entre as 58 pessoas que assinaram o Manifesto Republicano, pelo menos duas eram espíritas (Bittencourt Sampaio e Otaviano Hudson), uma converteu-se logo depois (Antônio da Silva Neto) e outras eram simpatizantes (Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho – que abriu muitos espaços para divulgação espírita no jornal *A República*).

Dezenas de outros intelectuais de renome ajudaram a estabelecer o movimento no país. Alcindo Guanabara, Bezerra de Menezes e Coelho Neto são alguns destes nomes. Coelho Neto merece atenção especial: de detrator do espiritismo (escreveu três livros ridicularizando-o) transformou-se em devotado adepto. Anos depois da conversão, diria: “Essa doutrina, hoje triunfante em todo o mundo, não teve, entre nós, adversário mais intransigente, mais cruel do que eu.” (Apud MACHADO, 1983, p. 205)

Do outro lado do *front*, José de Alencar foi um desafeto que, freqüentemente, alfinetava os espíritas. Mas foi Machado de Assis quem mais fustigou o kardecismo. Pode-se dizer que Machado de Assis foi o mais visceral intelectual adversário do espiritismo. As crônicas publicadas na imprensa traziam, não raramente, estocadas naquela doutrina que, para o escritor, era uma “fábrica de loucos”. Para ele, o espiritismo devia ser proibido. A garantia constitucional de liberdade religiosa, de que os espíritas se valiam, desagradava-o.

O movimento espírita recebeu, desde o surgimento, críticas de todos os tipos, vindas de todos os lados. Mas poucas foram tão prejudiciais como as de Machado de Assis, não só pela importância crucial do autor na formação das gerações de intelectuais que se seguiram a ele, como também pela eficácia dos argumentos produzidos. Afinal, o que fazem, hoje, os detratores do espiritismo quando definem como “delirantes” as



teorias espiritualistas? Não estariam apenas atualizando as críticas à “fábrica de loucos”, formuladas por Machado?

4 - A história de Zé Arigó

Uma faca de cozinha. Utilizando este inusitado instrumento, um mineiro de Congonhas do Campo, nascido no dia 18 de outubro de 1921, ganhou destaque nacional. Seu nome era José Pedro de Freitas, ou melhor, Zé Arigó. Tendo estudado apenas até o terceiro ano primário, ele realizou milhares de intervenções cirúrgicas (sem nenhuma assepsia e sem métodos de anestesia) em pacientes de vários pontos do país e do exterior.

Segundo descrição do próprio Arigó (PIRES,1970), desde criança repetiam-se sonhos estranhos, vozes que falavam idiomas exóticos e dores de cabeça alucinantes. Um sonho em especial o atormentava: a cena se passava em uma sala de cirurgia. Ele costumava contar que o sonho se transformou em alucinação: um médico, gordo e calvo, identificou-se como Adolpho Fritz, dizendo que morrera durante a I Guerra, e afirmou que Arigó seria usado para dar continuidade a seu trabalho.

Católico de berço, José Pedro se assustava com a insistência da alucinação. Um dia, relata o médium, resolveu seguir as instruções do médico e, sem saber como, realizou uma cura. E, em 1950, um episódio ainda mais inusitado é descrito pelo jornalista americano John Fuller (1975): o Senador Lúcio Bittencourt (PTB), que estava em plena campanha pela sua reeleição em Minas, havia recebido há pouco uma péssima notícia – tinha câncer no pulmão e só lhe restava a opção cirúrgica.

Na campanha, Bittencourt conheceu Arigó e o convidara a levar um grupo de trabalhadores das minas a comício em Belo Horizonte. Conta Fuller:

O Senador convidou Arigó para que pernoitasse no Hotel Financial... E depois de meia-noite, ele e Arigó regressaram ao Hotel. O Senador teve dificuldade em adormecer... e não se lembrava bem de quanto tempo permaneceu acordado em sua cama, entretanto percebeu quando a porta do quarto abriu-se..Arigó estava segurando uma navalha, aproximou-se da cama. Mas por qualquer razão não sentiu (o Senador) medo ou temor. E então Arigó dirigiu-se a ele com um alemão bem pronunciado... Naquele momento, o Senador desmaiou. (FULLER, 1975, p.58)

Mais tarde, segundo Fuller, Arigó dizia não se lembrar de nada e o Senador Bittencourt, depois de consultar seu médico no Rio, constatara que seu tumor fora extirpado. A partir dali, o médium seguiria realizando outras operações e, ao mesmo



tempo, iria travando seus primeiros contatos com a doutrina kardecista. Arigó, com seus canivetes e facas, estava prestes a mobilizar a opinião pública nacional.

Depois do episódio envolvendo Lúcio Bittencourt e de outras curas realizadas em Congonhas, Arigó conseguiu fama e problemas. Pacientes de todas as classes sociais, de todo o país, disputavam espaço nas filas de atendimento com os necessitados e pobres de Congonhas. Mas, ao lado dos pacientes ansiosos, chegava também a certeza de que a Associação Médica do Estado e a Igreja Católica não pretendiam deixar que ele continuasse operando.

Em 1955, Arigó fez uma cura que iria lhe trazer enormes benefícios no futuro. A pedido do então candidato à Presidência Juscelino Kubitschek, ele se deslocou ao Rio para atender à filha do político, que tinha pedras nos rins. Arigó – que, além de realizar cirurgias, indicava aos pacientes remédios alopáticos – elaborou uma lista de medicamentos para a menina. “Ela tomou e ficou completamente curada”, teria afirmado Kubitschek (FULLER, 1975, p.119)

Ainda assim, a acusação de prática ilegal de medicina, articulada pela Associação Médica, avançava. No dia 26 de março de 1957, o médium foi condenado a um ano e três meses de prisão. Com o *sursis* e o pagamento da multa, a prisão estava prevista para o mês de agosto de 1958. Enquanto esperava, continuava a trabalhar (era, agora, funcionário público do Instituto dos Aposentados), mas estava proibido de atender aos pacientes – apesar de, sigilosamente, continuar tratando alguns poucos.

A cura da filha de Juscelino, contudo, dava seus frutos. No dia 22 de maio de 1958, o Presidente anunciava um perdão oficial a Arigó. Festa em Congonhas; em pouco tempo, novos pacientes e supostas curas estrondosas: agora o curado teria sido o filho do cantor Roberto Carlos, que se tornaria amigo íntimo do médium. E, com os sucessos, vieram mais pressões da Associação Médica e da Igreja – e, desta vez, acusando Arigó de feitiçaria, e não apenas de medicina exercida ilegalmente.

Em 20 de novembro de 1964, o médium foi condenado a 16 meses de prisão por prática de feitiçaria. No decorrer das apelações, com Arigó já na cadeia, o Supremo Tribunal Federal constatou a existência de irregularidades no processo. O Tribunal decidiu, então, retirar as acusações e Arigó foi solto em novembro de 65.

Zé Arigó foi, também, muito estudado por equipes de médicos que adotavam outra postura: a de que um homem como ele deveria ser pesquisado e entendido, não preso. Os estudos mais famosos foram empreendidos por equipes de pesquisadores americanos que, por duas oportunidades, em 1963 e 1968, estiveram em Congonhas,



coordenadas pelo médico e bio-engenheiro Henry K. Puharich e pelo psicólogo William Belk.

E assim viveu Arigó: amado, odiado, estudado. Quando, no dia 11 de janeiro de 1971, morreu em um acidente de carro, era mais que um médium famoso: era um mito, que passou anos sob os holofotes da mídia. Que imagem um jornal popular (*O Dia*) e um destinado a públicos de elite (o *JB*) fizeram dele a partir das coberturas publicadas nos momentos cruciais de sua vida? Para tanto, foram analisados microfilmes, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de edições dos dois periódicos nos dias que se seguiram a eventos relevantes da vida do médium – por exemplo, supostas curas de famosos, resultados de processos judiciais ou sua morte.

5 – Os enfoques das coberturas de *O Dia* e do *JB*

Nilson Lage (1993) conceitua notícia como sendo o relato de um fato ou uma série de fatos a partir de seus aspectos mais relevantes. Tradicionalmente, os veículos de comunicação supõem ser possível adotar práticas que assegurem grande grau de objetividade ao jornalismo. Em linha oposta, o presente artigo utiliza o conceito fundamental de *enquadramento de mídia* – segundo Goffman (1974), aqueles modelos de interpretação e seleção (definindo, por exemplo, ênfases e exclusões) que são utilizados para organizar o discurso. Adotamos aqui a perspectiva de que o jornalismo não reproduz a realidade, mas sim a constrói e a representa a partir de filtros mediadores.

Todd Gitlin (1980) diz que este enquadramento pode ser problemático à medida que uma mesma e específica chave de leitura se impõe e se repete indefinidamente. Ou seja, um trabalho comparativo dos enfoques de dois jornais voltados a públicos muito distintos (como é o caso de *O Dia* e do *Jornal do Brasil*) pode ser útil para que se verifiquem quais enquadramentos predominaram nas coberturas jornalísticas sobre Zé Arigó.

Para discutir a questão, é necessário supor que a transformação de um fato em notícia é resultante de fatores organizativo-burocráticos, que levam os profissionais do jornalismo (sobretudo de cada tipo específico de publicação destinado a segmentos diferenciados do público leitor) a adotar procedimentos de filtragem dos acontecimentos. Esses parâmetros norteadores configuram o conceito de noticiabilidade:

conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 1995, p.170)

Para Mark Fishman (1990), o noticiário não reproduz nem tampouco inventa a realidade: ele o constrói com base nestas fontes internas e em fontes externas – principalmente oficiais – que produzem representações da realidade que são tomadas como a realidade. Dado que se destinavam a públicos diferenciados, que critérios de noticiabilidade e que representações da realidade foram construídos sobre Zé Arigó (e sobre o espiritismo) por *O Dia* e pelo *JB*?

O jornal *O Dia* foi, desde a fundação em 1951 até meados da década de 80, um típico exemplar do jornalismo popular. Letras garrafais nas manchetes de primeira página, ênfase no noticiário criminal e exploração das emoções do leitor levada ao extremo foram as características que por muitos anos consolidaram *O Dia* na posição de maior jornal popular do país, apesar da difundida expressão popular de que, “se espremido, saía sangue.”

É a partir desses dados, portanto, que se deve analisar a cobertura dada ao caso Arigó. Sendo voltado para as camadas menos favorecidas, onde o espiritismo está muito presente (mas não com predomínio da vertente kardecista), o jornal apresentava a figura de Arigó recorrendo a uma descrição ‘sincrética’, fazendo referências ou associando aqueles fenômenos aos seus correlatos na umbanda.

Esta aproximação começava pela terminologia: por diversas vezes, o médium era chamado pelo jornal de “cavalo”, designação usada pelos umbandistas. Apesar de ter sido um purista (Arigó não admitia a confusão entre kardecismo e cultos afro-brasileiros), a apresentação do médium, em *O Dia*, era sempre feita através do espiritismo popular, que era usado como ponte para que a mensagem chegasse segura ao público-alvo o jornal. É interessante lembrar que o público de umbanda recebia atenção especial do periódico, que inclusive mantinha uma coluna da Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB).

Além disso, o caso Arigó caía como uma luva para o matutino popular. Um jornal que, como *O Dia*, publicava a famosa coluna *Incrível, fantástico, extraordinário* – de Almirante – certamente tinha espaço de sobra para Arigó. No dia seguinte ao falecimento do médium, por exemplo, o diário estampava a manchete: “Previu que morreria em 71 – Morreu Zé Arigó” (esta versão – a de que o espírito de Fritz teria

previsto, em 1968, a morte de Arigó em 71 – não foi encontrada em nenhuma outra fonte bibliográfica consultada para esta pesquisa).

Curas milagrosas, previsões de morte, brigas na justiça e comoção popular seriam grandes notícias em qualquer jornal popular. Reunidos todos estes episódios em torno de uma só pessoa, era previsível que *O Dia* desse ao médium a atenção verificada.

Nos momentos cruciais da vida de Arigó, como, por exemplo, durante a visita da comissão médica norte-americana em 68, o jornal dedicou ao caso a matéria principal da edição, com chamada de capa em primeiro plano. No dia 27 de maio, publicava a seguinte manchete: “Americanos querem o médium – clamor contra a saída de Arigó”. A notícia dava conta de que Arigó teria sido convidado a realizar algumas experiências nos Estados Unidos.

Informava ainda que a Assembléia Legislativa de Minas Gerais estava prestes a votar projeto que impedisse os cientistas de assediarem o médium. Diante da preparação de um movimento popular para impedir a viagem, os especialistas foram quase obrigados a dizer, segundo *O Dia*, “que fizeram a proposta em tom de brincadeira.”

É curioso este clima emocional e ufanista criado em torno da proposta dos americanos. É como se o jornal espelhasse a revolta popular ante a ameaça de perder Arigó. Parecia que se estava transportando para o episódio o medo coletivo de sentir, mais uma vez, que o país estava sendo espoliado por potências estrangeiras.

Em outras palavras, *O Dia* esbravejava, em tom lamurioso, o discurso subtextual que associava a figura do médium ao que há de mais genuinamente brasileiro. Afinal, se Deus é brasileiro, por que a mediunidade também não seria? O imaginário popular – refletido pelas antenas do jornal – parecia dizer aos americanos: “O espiritismo é nosso!”

Postura diametralmente oposta caracterizou a cobertura do *JB*: leve ironia, algum ceticismo nas entrelinhas e, principalmente, falta de interesse em divulgar o assunto. Se *O Dia*, conforme vimos, acompanhou com singular interesse as polêmicas e novidades do caso, o *JB* manteve-se alheio. De todas as matérias publicadas sobre o médium pelo jornal, as maiores foram as que informaram seu falecimento e seu enterro. Seria jornalisticamente injustificável não dar destaque a um sepultamento que reuniu mais de 30 mil pessoas na cidade de Congonhas, entre as quais o cantor Roberto Carlos, representantes do Governador de Minas, Israel Pinheiro, e parlamentares dos mais variados partidos.

Mas, mesmo nos momentos em que deu maior destaque, o *JB*, por trás da neutralidade jornalística, deixou transparecer um certo preconceito contra o espiritismo. A matéria que noticia a morte do médium (12 de janeiro de 71) tem na página 7 um box intitulado “Dr. Fritz perde um amigo na Terra”, que apresenta pelo menos dois destes traços de preconceito: o primeiro, perceptível através do tom jocoso da abertura do texto – “O espírito do Dr. Fritz, médico alemão morto pelos nazistas, terá que encarnar em outro corpo se desejar a manutenção das curas que, segundo os espíritas, realizou por mais de 20 anos através de Arigó”; o segundo, a acusação de que Arigó deixava como herança “cerca de um terço das terras em volta de Congonhas” – uma informação sem citação de quaisquer fontes.

Contudo, estes foram pequenos detalhes da matéria de janeiro de 71. É fundamental registrar que a chave para se analisar a postura do *JB* em relação a Arigó não é falar do pouco que se publicou sobre o médium, mas, sim, do muito que não se falou. O processo que condenou Arigó à prisão, por exemplo, passou sem qualquer cobertura do jornal, assim como a comoção popular com a decisão da justiça, e o perdão oficial de Juscelino.

É verdade que nesse período (final de 1957 e início de 58) começava no *JB* a reforma gráfico-editorial, que o transformaria no que de mais moderno existia na imprensa brasileira. Períodos de mudanças – sobretudo as radicais, como foi o caso desta – são complexos e, de alguma forma, têm reflexos que devem ser levados em conta na análise do jornal. Mas a pouca – ou nenhuma – atenção dedicada pelo jornal ao fenômeno Arigó revela algo maior que uma mera opção conjuntural: revela a “síndrome de Machado”, que contaminou amplos segmentos do jornalismo brasileiro.

Se Machado de Assis, no final do século XIX, achava que o espiritismo não merecia sequer a liberdade de culto, setores da intelectualidade e da imprensa – que não chegava a tal ponto de radicalismo – acreditam que os fenômenos e as teorias espíritas não mereceriam a chance de serem considerados “assuntos sérios”.

Para eles, um delírio (ou uma “fábrica de loucos”, como preferia Machado) não pode almejar a disputa de espaço com a realidade. Desta forma, o primeiro transplante de coração realizado no país (indiscutivelmente uma notícia relevante) mereceu três páginas inteiras do *JB* no dia 25 de julho de 65. Mas a libertação de Arigó – que causou manifestações populares em diversos pontos do país – não mereceu nem sequer uma linha.

6 – Conclusões

Por décadas, variadas publicações têm feito balanços do crescimento do espiritismo no país. Em matéria no início dos anos 90, por exemplo, a revista *Veja* afirmava, com tom de certa surpresa, que o espiritismo conseguia “boa parte de seus adeptos em redutos inesperados da classe média alta, entre políticos e empresários”(10 de abril de 1991, p.40). A revista parecia demonstrar surpresa que estes segmentos fossem capazes de ser seduzidos pelo discurso espírita .

Segundo a reportagem, freqüentavam centros espíritas políticos como Mário Covas; recorriam ao serviço de médiuns pessoas como Eduardo Suplicy e Antônio Ermírio de Moraes; acreditavam ter falado com os mortos intelectuais do porte de Décio Pignatari (que chegou a psicografar versos atribuídos a Oswald de Andrade). Ainda de acordo com a revista, dos então sete mil alunos que estudavam o kardecismo na Federação Espírita de São Paulo, cerca de 70% eram da classe média alta, com instrução superior.

O tom de surpresa demonstrado na abordagem da revista configurava um equívoco. Estes dados apenas reforçavam a constatação de que, apesar de ter se difundido em todas as camadas sociais, era (e ainda é) ainda neste grupo de elite que o kardecismo tinha sua base mais sólida. E a intelectualidade continua tendo com o espiritismo uma paradoxal relação de amor e ódio: apesar de serem os segmentos mais escolarizados a base social em que o kardecismo se encontra mais enraizado, a mídia destinada a estes públicos é a que demonstra maior cinismo (ou desconsideração, manifestada na não transformação de eventos relacionados ao tema em material noticioso).

Enfim, a relação entre os parentes etimológicos mídia e médium não é das mais tranquilas – apesar dos muitos flertes que hoje, como no passado, os dois são capazes de entabular. “E se a imprensa nos flagrar assim?”, perguntou, ajoelhado à beira da cama, o Presidente Collor a Chico Xavier. E a verdade é que, se os vissem assim, alguns dos maiores jornais do país poderiam até zombar e ironizar. Mas isto não impediria que, pela dimensão religiosa do espiritismo na sociedade brasileira, os presidentes deste país ajoelhem-se diante de médiuns, assim como milhões de pessoas acreditem ser possível encontrar médiuns que liguem este mundo ao dos mortos, em um processo de mediação percebido por elas como tão palpável como o executado pela mídia.



7- Referências

ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; KORNIS, Mônica Almeida. *Mídia e política no Brasil – jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

Da MATTA, Roberto. *Explorações*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FULLER, John. *Arigó: o cirurgião da faca enferrujada*. São Paulo: Nova Época Editorial, 1975.

GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left*. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper and Row, 1974.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo. Editora Ática, 1993.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983.

PIRES, J. Herculano. *Arigó – vida, mediunidade e martírio*. São Paulo, Edicel, 1970.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1995.